

V Á R I A

Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa — 1981

A campanha arqueológica decorreu ao longo dos meses de Agosto e Setembro, sob a orientação do Prof. Doutor Santos Júnior que por duas vezes visitou os trabalhos em curso, e realizaram-se as seguintes tarefas: levantamento topográfico do castro, limpeza de alguns dos seus sectores, restauro de vários muros e casas e, finalmente, limpeza e marcação do espólio.

O levantamento topográfico, Fig. 1, trabalho que desde há muito se impunha realizar, concretizou-se durante a campanha deste ano mercê do subsídio concedido para o efeito pelo Instituto Português do Património Cultural.

Dessa tarefa se encarregou o senhor António Ramos, topógrafo do GAT, em Vila Real, que na execução do trabalho pôs toda a sua melhor boa vontade para nos entregar, dentro do prazo estabelecido, a planta do castro, na escala 1000.

Neste ano tivemos, pela primeira vez, a colaboração dos jovens integrados na campanha de «ocupação dos tempos livres», que nos foram confiados pelo «Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis» e «Serviço Nacional de emprego», de Vila Real.

Em número de seis, os jovens prestaram-nos um excelente serviço, atendendo à falta de mão de obra livre na

Fotografias 3 a 7 tiradas
pelo Prof. Santos Júnior

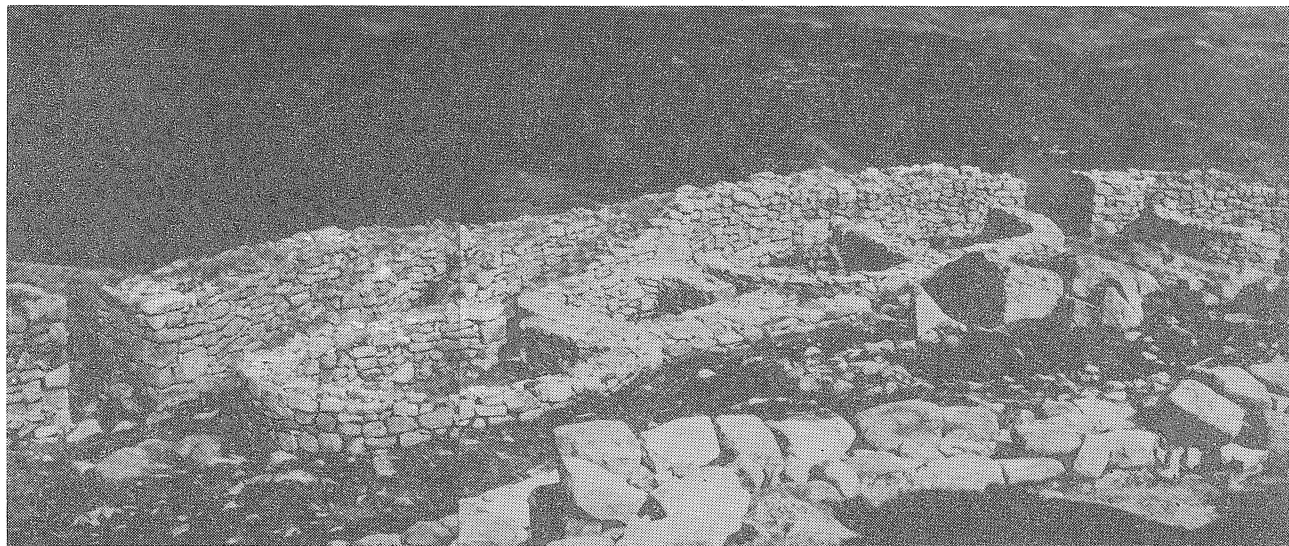


Fig. 3 — Uma panorâmica do interior do reduto cimeiro do castro, vendo-se a muralha, do lado Nascente, e cinco casas redondas junto dela.



Fig. 4 — Pormenor do reduto cimeiro do castro: muralha do lado Nascente com portas e três rampas de acesso. A direita, casas restauradas.



Fig. 5 — Face escrita da lápide funerária romana. Encontrava-se, juntamente com outras pedras, a servir de degrau há porta da muralha interior do castro.

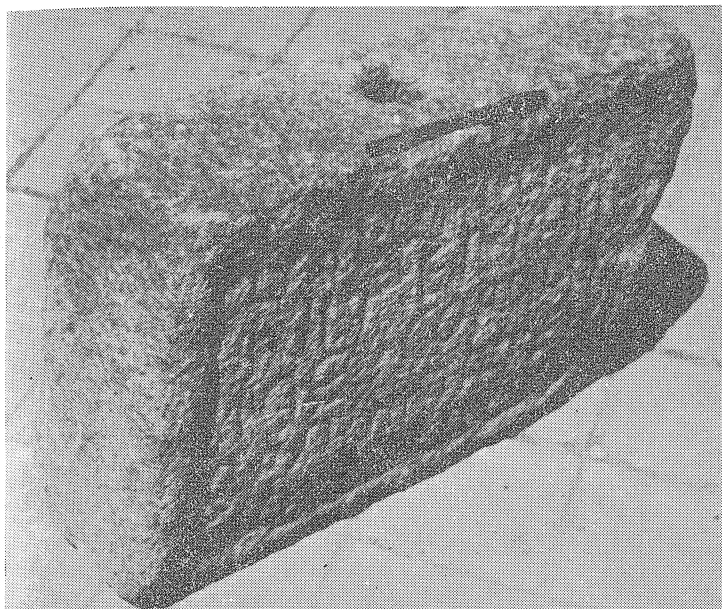


Fig. 6 — A lápide funerária fotografada de cima para mostrar o buraco ao centro da face superior da pedra.

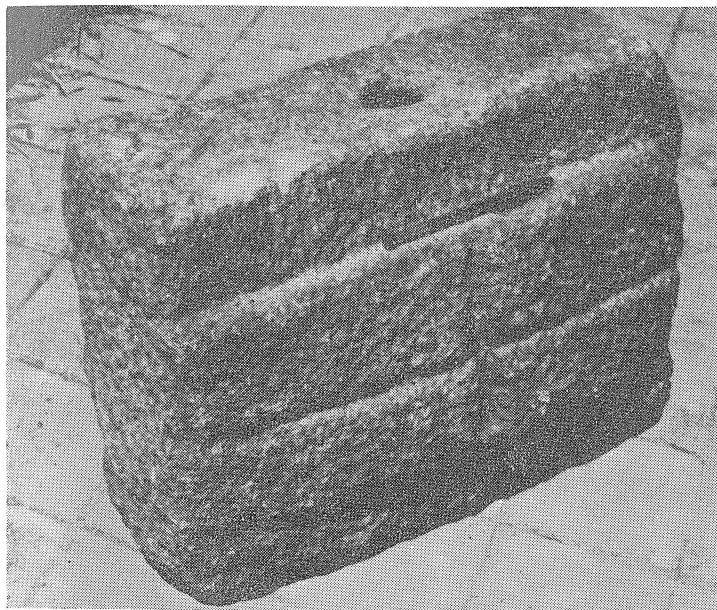


Fig. 7 — A lápide funerária fotografada de costas. Podem-se ver os ressaltos e o sulco cruciforme gravado na pedra.

ocasião, e graças ao seu trabalho pudemos fazer uma limpeza parcial do castro, especialmente do reduto cimeiro. Este ficou assim, completamente livre de ervas e arbustos que cobriam os caminhos, muros e casas, tornando-se mais atraente e acessível a quantos ali se deslocam para visitarem este monumento, tanto forasteiros como estudantes e professores dos vários estabelecimentos de ensino existentes em Sabrosa.

Restauraram-se quatro casas e dois muros. (Est. I, Fig. 3 e Est. II, Fig. 4) do reduto cimeiro, utilizando-se como habitualmente, um pedreiro especializado em construções de pedra seca.

Sublinhe-se, porém, que não tem sido fácil encontrar em Sabrosa pedreiros muito dispostos a trabalhar no castro. A distância que têm de percorrer a pé para ali chegarem e dali regressarem, a enorme procura que têm, nesta época do ano, para as obras particulares e oficiais, e ainda a raridade em artistas que sabem construir paredes sem o recurso ao bloco e ao cimento, são factores que dificultam a sua angariação para os trabalhos de restauro e conservação programados.

Com vista aos trabalhos de restauro da segunda muralha interior, desmoronada em toda a sua extensão e expoliada, nalguns troços, da maior parte da pedra, procedeu-se à pesquisa do seu alinhamento. Encontrou-se, durante a realização desta tarefa, uma estreita porta na muralha, virada a Nascente e medindo cerca de 2,30 metros de largura.

Esta porta, depois de livre do entulho de pedras e terra que a enchia, mostrou-nos uma sucessão de quatro toscos degraus e, entre as pedras que os formavam, destacava-se um bloco granítico com inscrições na sua face superior.

Nesse mesmo dia, ao findar os trabalhos, retirámo-lo do local e guardámos em sítio mais seguro para os estudos posteriores, pondo-o também a salvo de quaisquer danos que pudesse sofrer durante a nossa ausência.

Trata-se efectivamente, de um bloco granítico, paralelepípedo, medindo $46 \times 32 \times 17$ cm, com uma face gravada em caracteres latinos e que, logo à primeira vista, nos pareceu tratar-se de uma lápide funerária romana.

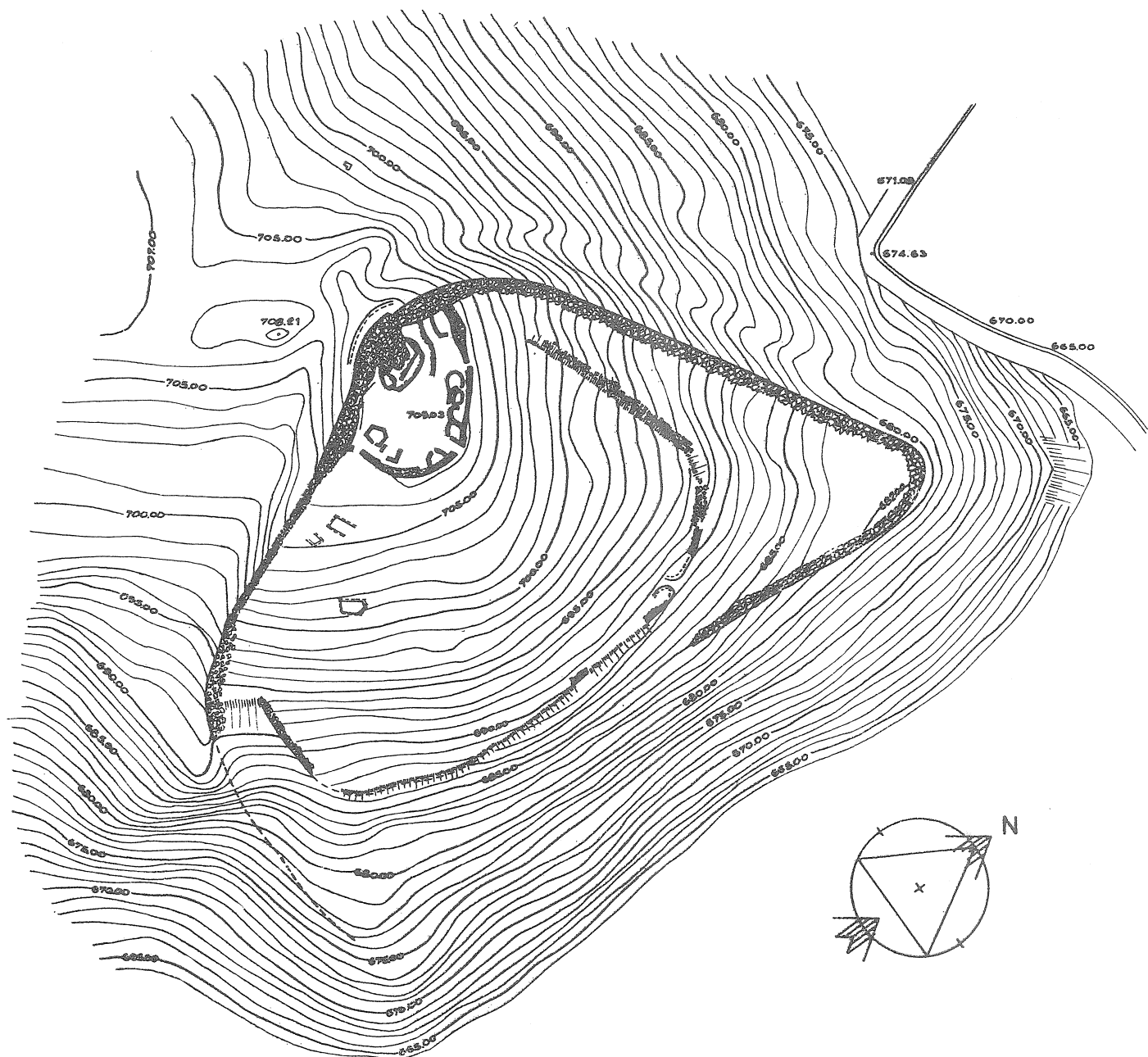


Fig. 1 — Planta topográfica do Castro de Sabrosa, Escala 1/1000.

A face escrita, ou anverso, do bloco, tem uma «moldura» em relevo com 3 cm de largura, em média, e que limita uma área epigrafada (Fig. 2 e Est. II, Fig. 5). Esta mede 39 × 26 cm e em cinco linhas, com letras de quatro centímetros de altura cada uma, se pode ver escrito:

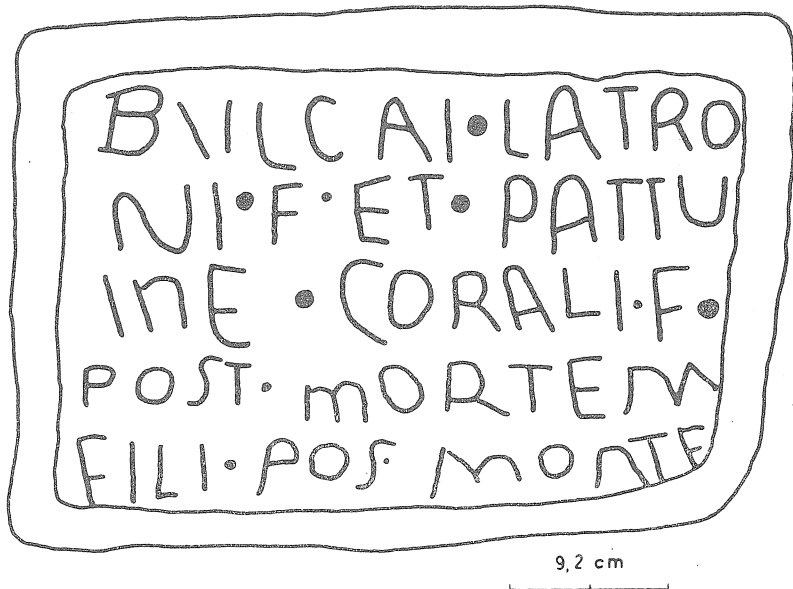


Fig. 2 — Desenho da face epigrafada.

Consultados alguns conhecidos epigrafistas a quem foram enviados fotos da lápide encontrada no castro, deles se obteve as seguintes interpretações.

O distinto arqueólogo espanhol Don Joaquin Lorenzo Fernandez (Orense-Galiza), leu:

BALCAI · LATRO
 NI · F · ET · PATRICI ((PATRI?)
 INE · CORALI · F ·
 POST · MORTEM
 FILI · POS · MON · (MONUMENTUM?)

e traduziu:

A Balcai(?) filho de Latro
e a ? filha de Cora
depois da morte
os filhos puzeram este monumento.

Por sua vez o Prof. Architecto Rogério de Azevedo, do Conselho Director da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, traduziu a lápide do seguinte modo:

Balcai filho de Latrão e
Patricínia filha de Coral
depois da morte do filho
ergueram este monumento.

Sensivelmente coincidente com a versão do primeiro arqueólogo é a do P.º João Parente, delegado do I.P.P.C. em Vila Real e que teve oportunidade de observar a própria lápide:

A Bulca, filho de Latronus
e a ? filha de Coralus
depois da morte
os filhos ergueram este monumento

Qualquer das versões nos confirma que se trata, efectivamente, de uma lápide funerária romana. Lápide que se encontrava, curiosamente, a servir de degrau numa tosca escadaria, facto que vem reforçar a tese do repovoamento dos castros pelas populações autóctones depois da retirada romana da Península.

O reverso, ou costas, do bloco epigrafado, não é plano, como se pode ver na Fig. 7. Apresenta-se saliente e encurvado, com um pequeno ressalto, escavado, em três dos seus bordos.

Nesta zona saliente e encurvada, que mede 44 × 18 cm, o gravador traçou dois sulcos perpendiculares entre si, com

meio centímetro de profundidade e que se estendem de lado a lado e de alto a baixo do citado saliente.

Das outras quatro faces do paralelepípedo, as duas verticais são planas e lisas enquanto as outras duas, maiores e horizontais, tanto a de baixo como a de cima, apresentam cada uma o seu buraco central, como se poderá ver, por exemplo, nas Figs. 6 e 7 da Est. III. O buraco de cima é quase circular, medindo $4,2 \times 4,3$ cm de diâmetros máximos e tem 4,2 cm de profundidade. O buraco da face de baixo é um pouco maior, mais profundo e de forma elíptica. Tem de boca 7×6 cm máximos e de profundidade 6,5 cm.

As duas últimas semanas da campanha de trabalhos arqueológicos foram ocupadas com a limpeza e legendagem do espólio recolhido em campanhas anteriores. É constituído, sobretudo, por fragmentos cerâmicos de vasilhame variado, de tegulas e imbrices, mós manuárias, alguns cossoiros e pedras de afiar. Todo este espólio se encontra à nossa guarda até que melhor destino se lhe possa dar.

Para finalizar, resta acrescentar que os trabalhos de restauro do castro, realizados nesta campanha, foram subsidiados pela Câmara Municipal de Sabrosa.

Sabrosa, 20 de Agosto de 1982

CARLOS ERVEDOSA *

Assistente do Instituto Universitário de Trás-os-Montes
e Alto Douro e sócio da Sociedade Portuguesa de
Antropologia e Etnologia

* 5060 Sabrosa